

Arthur Nogueira canta parcerias com Antonio Cicero



PÁGINA 4

#cm
2

QUINTA-FEIRA



Zezé Motta de volta aos palcos após 10 anos

PÁGINA 7



53 FESTIVAL DE CINEMA DE GRAMADO

Diego Vara/Divulgação

O Deus-Sol há de brilhar mais uma vez

Por **RODRIGO FONSECA** Especial para o Correio da Manhã

Primeiro longa-metragem a vencer um Festival de Gramado, na edição inaugural do evento, em 1973, “Toda Nudez Será Castigada” foi laureado ainda com o Urso de Prata da Berlinale e levou 1.737.151 pagantes às salas de exibição. É um rol de vitórias que voltam a ganhar holofotes em meio à nova versão de sua trama, que Daniel Filho acaba de rodar no Rio, com Hermilla Guedes e Otávio Müller. Falou nesse clássico dirigido por Arnaldo Jabor

Gramado inicia nesta sexta sua 53ª edição, firmando-se como o festival mais popular do país

(1940-2022), a partir do texto teatral homônimo de Nelson Rodrigues (1912-1980), falou-se no Kikito. É esse o nome da entidade mítica de povos gaúchos da América Latina - o sorridente deus-sol dos Pampas - que emprestou suas feições ao troféu gramadense nos anos 1970. Desde então não cantou pra subir, sem arredar pé da Serra Gaúcha e do imaginário cinematográfico deste país, que viu, ao longo dos últimos 52 anos, Gramado renovar sua relevância, mantendo-se num trono: o de mais popular mostra competitiva do audiovisual neste país. **Continua na página seguinte**

Tapete vermelho, chocolate dos bons... e frio!

53 FESTIVAL DE CINEMA DE GRAMADO

Ok, tem o Festival de Brasília, seu irmão mais velho, que abre suas atividades este ano com “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, no dia 12 de setembro. Tem(os) ainda o Cine PE, o Cine Ceará, a Première Brasil do Festival do Rio, o Fest Aruanda, o Olhar de Curitiba e a seção Aurora da Mostra de Tiradentes. Todos têm importância estratégica, cada qual a seu modo, só que quando se menciona Gramado, lá no coração do Rio Grande do Sul, o Brasil todo – até os rincões sem salas de projeção – tem uma ideia do que se fala. Fala-se de tapete vermelho, sim; fala-se de chocolate bom, também; fala-se de frio, daqueles de bater o queixo; mas, conversa-se, sobretudo, de resiliência artística, o que volta a ser pauta nesta sexta, com o início de uma 53ª edição recheada de vozes autorais em suas múltiplas latitudes.

Já de cara tem “O Último Azul”, de Gabriel Mascaro, na abertura, hors-concours. Respeitado por “Boi Neon” (2015) e “Divino Amor” (2019), o diretor pernambucano ganhou o Grande Prêmio do Júri da Berlinale com essa belíssima distopia contra o etarismo, apoiado no talento de Denise Weinberg e Rodrigo Santoro. Em atuação estonteante, Denise vive a septuagenária Tereza, funcionária de um curtume de jacarés, na Amazônia, que se vê forçada a viver numa espécie de campo de concentração para cabeças grisalhas. A recusa de ser isolada num retiro obrigatório a impulsiona por uma jornada rio acima. A produção ganhou ainda a láurea do Júri Ecumênico de Berlim e o Prêmio dos Leitores do Berliner Morgenpost.

“O Gabriel me catou. Eu tinha filmado ‘Greta’ no Ceará e ele viu. Por vários caminhos, chegou a mim e me fez andar pelos rios, na Amazônia”, disse Denise ao Correio da Manhã, em terras alemãs. “É muito impressionante ver a natureza gritando lindamente com a gente. É uma pretensão a gente se achar grande perto daquilo tudo”.

Tereza (papel de Denise) conta com a ajuda de barqueiro de coração quebrado para



Guillermo Garza/Divulgação

Premiado no Festival de Berlim, ‘O Último Azul’, de Gabriel Mascaro, abre o festival gaúcho



Divulgação

‘Rua do Pescador N° 6’, de Bárbara Paz, desponta como favorito em premiação específica para produções do Rio Grande do Sul

cruzar a geografia fluvial amazonense, ouvindo dele segredos sobre o caracol da baba azul, um visco que abre portas da percepção. Esse homem das águas é um devir Oxum de Rodrigo Santoro, que vai receber o Kikito de Cristal pelo conjunto de sua carreira.

Essa honraria passou a ser entregue em 2007, quando foi confiada ao documentarista carioca Eduardo Coutinho (1933-2014), e já foi entregue a gigantes de outras pátrias. Os argentinos Cecilia Roth e Juan José Campanella, a germânica Mariëtte Rissenbeek, o

uruguaio Cesar Troncoso e o moçambicano Ruy Guerra receberam esse solzinho cristalizado, além do titã baiano Othon Bastos, coroado com esse mimo em 2013. Tem outros troféus honorários por lá, como o Eduardo Abelin, que será confiado à produtora Mariza Leão, no dia 18, em reverência a seus feitos pelo cinemão e suas lutas políticas. No dia 19, a atriz paraibana Marcélia Cartaxo será contemplada com o troféu Oscarito, pelo esplendor de seu jeito de atuar. As homenagens a essa turma aquecem uma cidade assolada por baixas temperaturas nas ruas, mas inflamada por discussões no Palácio dos Festivais, sede de suas sessões. É lá que se concentra a competição nacional de longa de ficção.

Concorrem a partir deste sábado: “Papa-gaios”, de Douglas Soares (Rio de Janeiro); “A Natureza das Coisas Invisíveis”, de Rafaela Camelo (Distrito Federal); “Nó”, de Laís Melo (Paraná); “Querido Mundo”, de Miguel Falabella (Rio de Janeiro); “Cinco Tipos de Medo”, de Bruno Bini (Mato Grosso); e “Sonhar com Leões”, de Paolo Marinou-Blanco (São Paulo). Existe uma competição de longas documentais também, que corre em sinergia com o Canal Brasil (emissora da TV a cabo). Fazem parte desse certame “Lendo o Mundo”, de Catherine Murphy e Iris de Oliveira; “Para Vigo me Voy”, de Lírio Ferreira e Karen Harley, sobre vida e obra de Carlos Diegues (1940-2025), já exibido em Cannes; “Avós”, de Ana Lígia Pimentel; e “Até Aonde a Vista Alcança”, de Alice Vilella e Hidalgo Romero. Caio Blat, Camila Morgado e Marcos Santuário são os responsáveis pela curadoria. A maratona serrana contará com atividades extras, entre elas, a exibição de duas séries: “Máquinas de Oxigênio (Não) Cairão Automaticamente” e “Comer, Beber e Aprender”.

Tem uma competição gaúcha, que traz uma pérola em concurso: “Rua do Pescador n°6”, de Bárbara Paz. Tem ainda uma seleção de curtas-metragens nacionais em busca de Kikitos. As pílulas de invenção deste são: “Aconteceu À Luz Da Lua” (RS), de Crystom Afronário; “Boiuna” (PA), de Adriana de Faria; “Cabeça de Boi” (SP), de Lucas Zacarias; “FrutaFizz” (SP), de Kauan Okuma Bueno; “Jacaré” (BA), de Victor Quintanilha; “Jequatá Xirê” (RS), de Ana Moura e Marcelo Freire; “O Mapa Em Que Estão Meus Pés” (AL), de Luciano Pedro Jr; “Na Volta Eu Te Encontro” (BA), de Urânia Munzanzu; “As Musas” (PE), de Rosa Fernan; “Quando Eu For Grande” (PR), de Mano Cappu; “Réquiem Para Moisés” (RJ), de Caio Barretto Briso e Susanna Lira; e “Samba Infinito” (RJ), de Leonardo Martinelli. No dia 23, a premiação será anunciada.

Nem todo carnaval tem seu fim



Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Coalhados de láureas na Europa, “O Último Azul” (Grande Prêmio do Júri da Berlinale) e “O Agente Secreto” (ganhador de quatro honrarias em Cannes) podem ser premiados no Festival de Lima, no Peru, no sábado, assim como “Suçuarana”, de Clarissa Campolina e Sérgio Borges. Neste momento de vitórias no plural para o cinema brasileiro em mostras competitivas no exterior, cinco meses depois de um Oscar ser dado a “Ainda Estou Aqui”, o país se amalgama a produções europeias de respeito na grade do 78º Festival de Locarno, que chega ao fim neste sábado, em busca de consagração.

Entre os longas que disputam o troféu Leopardo de Ouro, o romeno Radu Jude faz parceria com o produtor Rodrigo Teixeira para filmar “Drácula”, uma alegoria filosófica política - xará do épico de Luc Besson hoje em cartaz. Jude estampa um “já ganhou!” a julgar pelas resenhas elogiosas que recebeu de sábado para cá. Já entre os curtas, na mostra Pardo di Domani, Locarno confere um aroma de brasilidade numa parceria entre suíços e belgas com talentos cariocas chamada “O Rio de Janeiro Continua Lindo”.

Sua narrativa se passa em meio à folia do Carnaval do Rio, quando uma mulher, Ilma, escreve para o

Brasil entra na disputa pelos prêmios da seção Pardi di Domani do Festival de Locarno com ‘O Rio de Janeiro Continua Lindo’, produção com a Bélgica e a Suíça dirigida por Felipe Casanova

filho. A inquietação da narrativa, construída sob a direção de Felipe Casanova, é entender como ela sente a presença dele na multidão? Suspendida no tempo, a celebração do Rei Momo se torna um espaço de memória e também de resistência política.

“As filmagens dos blocos de rua do carnaval foram feitas de maneira muito espontânea. Era eu e a minha câmera Super-8”, diz Casanova ao Correio. “Acho que consegui captar a energia da folia que acontece durante os blocos graças a esse dispositivo de filmagem leve e espontâneo. Eu me fundi a massa e imergi nela, para me aproximar ao máximo da sensação de estar lá dentro. Todo o material era super raro, porque foi filmado em película e nada era ensaiado”.

Na lógica do cineasta, a partir dessa primeira imersão, aparente-



Un point bleu pâle ‘Yakushima’s Illusion’, da japonesa Naomi Kawase, fecha o rol de competidores de Locarno



Cena do curta ‘O Rio de Janeiro Continua Lindo’, de Felipe Casanova

mente festiva, o filme entra, pouco a pouco, em um ponto de vista subjetivo, que levou Locarno à jornada de uma perda íntima, desenterrando fantasmas do nosso passado.

“A ideia era usar o Carnaval, uma festa que todos conhecem no exterior, como ponto de partida para tentar revelar algo da sociedade brasileira mais escondido: o violento racismo estrutural. E o Carnaval, pelo o que ele é e pelo que simboliza, foi o melhor setting para contar essa história”, diz Casanova, um artista de origem suíço-brasileira, criado no Rio de Janeiro.

Atualmente radicado entre Genebra e Bruxelas, seu trabalho envolve uma abordagem híbrida, explorando formas singulares para cada projeto. Aposta especulações ficcionais que emergem de encontros com o real. Antes de “O Rio de Janeiro Continua Lindo”, fez

“Loveboard” (2023). “Acredito que o filme seja intrinsecamente e profundamente brasileiro pela história que ele conta, pelo simbolismo que ele carrega e pelas diversas camadas que se encontram nele”, diz o realizador. “A parte Suíça é só a minha dupla-nacionalidade e o fato de eu morar entre Genebra e Bruxelas. O dinheiro que permitiu a pós-produção do filme vem da Europa. Tendo esse aspecto à parte, considero o filme majoritariamente como um filme brasileiro”.

Nesta quinta, a aposta da competição de longa de Locarno é “Tales of the Wounded Land”, de Abbas Fahdel, uma crônica íntima da guerra que devastou o sul do Líbano durante um ano e meio, capturando o cotidiano daqueles que foram apanhados pela violência. Dos títulos em concurso até agora, “As Estações”, de Maureen Fazendeiro,

sobre o Alentejo, é o trabalho de direção mais lúdico, entre os títulos em concurso já apresentados. O jogo pode virar nesta sexta, com a exibição da nova expressão autoral da badalada diretora Naomi Kawase (de “Esplendor”): “Yakushima’s Illusion”, com Vicky Krieps.

No sábado, Locarno encerra as atividades com a premiação e a exibição da nova versão (agora musical) de “O Beijo da Mulher Aranha”, o livro de Manuel Puig (1932-1990), que inspirou um dos maiores êxitos de Hector Babenco (1946-2016), em 1985. Jennifer Lopez encarna o papel que foi de Sonia Braga. O longa de Bill Condon passa no encerramento do festival, e tem Diego Luna e Tontituh nos papéis que foram de Raúl Julia (1940-1994) e William Hurt (1950-2022), que ganhou o Oscar na ocasião.

CORREIO CULTURAL

Vantoen Pereira Jr/Divulgação



'Malês' recria a revolta muçulmana em solo baiano

'Malês' tem data data de estreia: 2 de outubro

Após ser aclamado em diversos festivais de cinema, "Malê", de Antônio Pitanga, tem sua estreia confirmada nos cinemas brasileiros para 2 de outubro e o trailer foi divulgado nesta terça-feira. O longa é um drama histórico que retrata a Revolta dos Malês de 1835, considerada a maior insurreição de escravizados na história do Brasil.

O filme acompanha a trajetória de dois jovens muçulmanos africanos separados após serem trazidos à força para Salvador e sua participação no levante contra a escravidão. Com elenco que inclui Camila Pitanga, Rocco Pitanga e Rodrigo dos Santos, o longa explora um capítulo fundamental da resistência negra no país.

Lançamento

"Cinco Tipos de Medo", longa de Bruno Bini, faz sua estreia mundial no 53º Festival de Gramado, no dia 21 de agosto. Esta é a primeira vez que uma produção de Mato Grosso participa da mostra competitiva do principal evento do cinema brasileiro.

Lançamento II

A produção marca a estreia de Bella Campos e do rapper Xamã nos cinemas e tem como protagonistas João Vitor Silva, Rui Ricardo Diaz e Bárbara Colen. O quinteto estrela uma trama inspirada em um caso verídico, ocorrido na periferia de Cuiabá.

Jóias da Maré

O Canal Futura estreia nesta sexta (15) o especial "Caça Joia Maré de Música". Apresentada por Chinaína, a série mostra oito artistas selecionados por edital que valoriza produção musical da comunidade. Vitorian e Pocket são as atrações da abertura.

Jóias da Maré II

A temporada especial do programa vai exibir clipes de talentos da Maré durante quatro semanas. O projeto revela diversidade cultural do território, do funk ao heavy metal. Reprises aos domingos (9h), terças (12h) e quintas (18h).

Daryan Dornelles/Divulgação



Arthur Nogueira e Antonio Cicero: o jovem cantor e compositor paraense teve no poeta e letrista um parceiro de grande influência

Uma carta de amor e despedida

Arthur Nogueira celebra Antonio Cicero, seu parceiro mais frequente, no show inédito 'Embarque para Citera' no Manouche

Por **Affonso Nunes**

O cantor e compositor Arthur Nogueira apresenta no Rio com um espetáculo que funciona como carta de amor e despedida. Nesta quinta-feira (14) ele leva ao Manouche o show "Embarque para Citera", dedicado à memória e à obra de Antonio Cicero, poeta, filósofo e letrista que morreu em 2024 e foi seu principal parceiro criativo. O espetáculo, que já percorreu cidades como São Paulo, Belém, Lisboa, Londres e Porto, é carregado de simbolismo e emoção, celebrando uma amizade artística que rompeu a barreira do tempo.

A relação entre Nogueira e

Cicero frutificou em livros, espetáculos e canções gravadas por intérpretes como Gal Costa e Fafá de Belém. Representantes de gerações distintas, os dois construíram juntos uma obra que dialoga com a tradição da canção brasileira sem abrir mão da experimentação poética. "Antonio Cicero foi, além de meu maior amigo, o artista que mais admirei e com quem mais aprendi", revela Arthur. "Esteve ao meu lado desde os meus primeiros passos profissionais. Foi o poeta que me ensinou a ler poesia, o pensador a quem mais recorri nas dúvidas mais profundas, o amigo generoso que me inspira a 'amar o doce, o justo, o belo e o saber.'"

Acompanhará Artur no palco o guitarrista Lucca Francisco. A

dupla apresentará tanto as composições mais recentes da dupla quanto as parcerias clássicas de Cicero com sua irmã, Marina Lima, e com Adriana Calcanhotto e Lulu Santos. Entre as canções em destaque está "Antigo Verão", que empresta seu título ao quadro "Embarque para Citera", de Antoine Watteau, pintado em 1717. Segundo a mitologia grega, foi da espuma do mar da ilha de Citera que nasceu Afrodite, deusa do amor, estabelecendo uma ponte poética entre a pintura francesa e a canção brasileira.

A cenografia do espetáculo incorpora projeções criadas pelo cineasta Vitor Souza Lima, criando um diálogo visual que amplifica a dimensão poética das canções. Arthur Nogueira, natural de Belém do Pará, consolidou-se como um dos nomes mais sensíveis da canção contemporânea, com seis álbuns lançados e parcerias com poetas de diferentes nacionalidades. Além de compositor e intérprete, atua como produtor musical, tendo assinado trabalhos recentes de Fafá de Belém e Adriana Calcanhotto. É também responsável pela série "Canto Poesia: Poetas na Canção Popular do Brasil", da Rádio Cultura Brasil.

Antonio Cicero construiu uma obra singular que transitava entre poesia, ensaio filosófico e música popular. Autor de livros como "Guardar" e "O Mundo Desde o Fim", teve suas letras interpretadas por nomes fundamentais da MPB e manteve até o fim da vida uma produção intensa e inovadora. Seus versos, muitas vezes em parceria com a irmã, eternizaram imagens do Rio de Janeiro, como nos célebres versos "faço longas cartas pra ninguém e o inverno no Leblon é quase glacial".

SERVIÇO

ARTHUR NOGUEIRA - EMBARQUE PARA CITERA

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)

14/8, às 21h

Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60

(meia solidária com doação de 1kg de alimento não perecível)

Três décadas de samba



Divulgação

Eliane Faria reúne Tia Surica, Áurea Martins e Jane Duboc para apresentação nesta quarta no Rival Petrobras

Cruz, Sombrinha e Luiz Carlos da Vila, “Recado”, de Gonzaguinha, e “Rio”, de Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli, dividirão espaço com “Mas quem disse que eu te esqueço”, de Dona Ivone Lara e Hermínio Bello de Carvalho, “Folhas Secas”, de Nelson Cavaquinho e Guilherme de Britto, “O Sol Nascerá”, de Cartola e Elton Medeiros, “Se Acaso você Chegasse”, de Lupicínio Rodrigues, e “Mulata Assanhada”, de Ataulfo Alves. Além dos clássicos, o público conhecerá o lado compositor da artista através de dois sambas autorais: “A Filha do Samba”, em parceria com o poeta Euclides Amaral, e “Força das Águas”, uma inédita composta com Antônio Rômulo.

No palco, Eliane será escoltada pelos músicos José Roberto Leão (violão), Felipe Pedro (cavaquinho), Victor Neto (sopros), Darcy Maravilha (ritmo), Márcio Sorrilo (surdo) e Márcia Duarte, Alcides Sodré e Michele Agra (voacais de apoio).

Por Affonso Nunes

A cantora e compositora Eliane Faria comanda uma deupla celebração no palco do Teatro Rival Petrobras nesta quinta-

-feira (14), às 19h30. Além de comemorar seus 60 anos de vida, a filha de Paulinho da Viola completa três décadas de uma trajetória musical construída com elegância e profundo respeito às tradições do gênero. Eliane dividirá o palco com três convidadas de peso;

as cantoras Áurea Martins, Jane Duboc e Tia Surica, baluarte da Velha Guarda da Portela, a escola de coração de Eliane sua família.

O repertório funciona como passeio afetivo pelos grandes clássicos. Canções como “O show tem que continuar”, de Arlindo

SERVIÇO

ELIANE FARIA - 60 ANOS

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia)

14/8, às 19h30

Ingressos a partir de R\$ 50

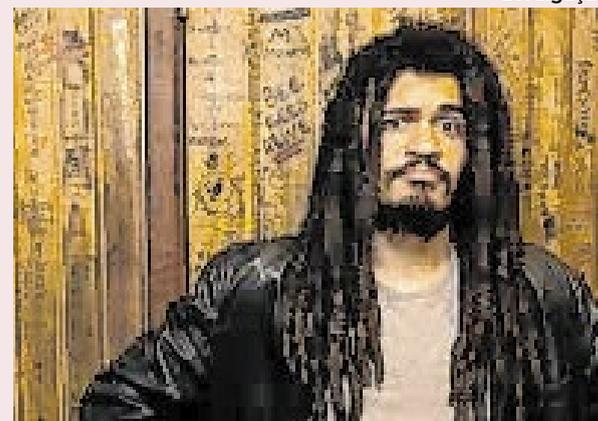
ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Lembrando Elis

A cantora Camila Lopez apresenta tributo a Elis Regina no Blue Note Rio nesta quinta-feira (14), às 20h. O espetáculo recria a formação da banda que acompanhou a cantora no Festival de Montreux de 1979, executando clássicos da MPB. Camila é acompanhada por Caio Maurense (baixo), Abner Phelipe (guitarra), China Cunha (percussão), César Aranguibel (teclado) e Jonatan Carvalho (bateria). O show promete uma viagem pela carreira da icônica intérprete brasileira.

Divulgação



Divulgação

Celebrando Ozzy

Uma banda formada pelos músicos Chico Brown (foto, guitarra e voz), Bruno Massa (baixo e voz) e Estevan Barbosa (bateria) apresenta nesta quinta-feira (14), a partir das 20h, tributo a Ozzy Osbourne e Black Sabbath. Durante o show ESPECIAL Rebel, promovido pela Audio Rebel, a meca da música alternativa carioca, os três músicos executarão clássicos do repertório da carreira solo do Príncipe das Trevas como “Crazy Train” e as históricas “Paranoid” e “Iron Man” do quarteto britânico, celebrando o legado do lendário vocalista e banda que redefiniu o heavy metal. R\$ 50

Dois cavalos juntos

Carlos Careqa e Mario Manga, que se conheceram nos anos 1980 durante a efervescência da Vanguarda Paulista, se reencontram no palco do Espaço BNDES nesta quinta-feira (14), às 19h. A dupla promete uma performance musical que mistura humor e nostalgia, descrita pelos próprios artistas como um encontro onde “dois cavalos recebem os espíritos de John Lennon e George Harrison”. A amizade consolidada em shows pelo Brasil e Argentina agora ganha nova dimensão neste espetáculo que resgata o bom humor característico de ambos os músicos. Grátis.



Divulgação

Desejo como resistência em tempos sombrios

Danichi Hausen Mizoguchi retrata o colapso político brasileiro através da jornada afetiva de uma militante desiludida em 'Eterna Fantasia'

Por Affonso Nunes

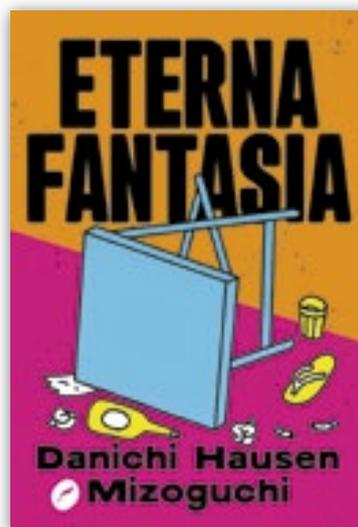
O Brasil dos anos 2010 se desfaz diante dos olhos de Maria, protagonista de "Eterna fantasia", segundo romance de Danichi Hausen Mizoguchi. A obra do autor gaúcho radicado no Rio mergulha no desencanto de uma geração que viu seus ideais progressistas implodindo junto com o país, transformando a micropolítica do corpo e do desejo em última trincheira contra um conservadorismo ascendente.

Autor do premiado "Cinco ou Seis Dias", vencedor do Prêmio Ufes, Mizoguchi narra a vertigem política nacional brasileira, tendo as manifestações de 2013 como ponto de inflexão, seguido pela cascata de eventos que redefiniram o país: a Operação Lava Jato, o impeachment de Dilma Rousseff, o assassinato de Marielle Franco, prisão de Luiz Inácio Lula da Silva e a eleição de Jair Bolsonaro. E, como no mito da caixa de Pandora, cada acontecimento libera consequências devastadoras sobre a vida da protagonista.



Divulgação

Danichi Mizoguchi narra uma trajetória de desencanto que busca a redenção pelo prazer



Ela vem a ser Maria, mulher de trinta e tantos anos, que trabalha numa ONG e assiste à erosão de tudo ao seu redor. Vínculos se rompem, estruturas desabam, certezas evaporam. É nesse cenário de implosão coletiva que surge Sofia, bem mais jovem, trazendo a possibilidade de recomeço através da ternura e do desejo.

"Capturar o impacto subjetivo da gangorra política brasileira foi uma urgência. Atravessar o assombro me parece ser uma das possíveis ações da literatura, sem que, com

isso, ela se preste a entregar soluções ou sínteses. Tratava-se, em última instância, de apresentar esteticamente essa dimensão afetiva que tomou uma parte expressiva da população nacional nos últimos anos. Colocar uma lupa na dimensão micropolítica, tendo como pano de fundo a dimensão macropolítica. Todavia, não bastava tão somente apresentar a bad trip - as fake news, os golpes, os rachas, os esgarçamentos -, mas, apostar em modos de confrontá-la. Este é um livro de disputa de sentidos em meio ao caos subjetivo e a derrocada ética", disse ao autor.

As respostas para Maria emergem na geografia urbana carioca, onde Maria transita: Centro, Lapa, Botafogo, Humaitá e Santa Teresa. O autor mapeia essa jornada sensorial entre cervejas, baseados, beijos, danças até o amanhecer e o prazer do sexo. A protagonista também percorre Cuba e Uruguai, sempre em busca de algo que resista ao colapso civilizacional.

Em tempos de polarização ideológica, fake news e cancelamentos, Mizoguchi propõe que a micropolítica afetiva pode ser revolucionária, transformando o desejo em antídoto contra a tristeza conservadora que contamina o país.

Divulgação

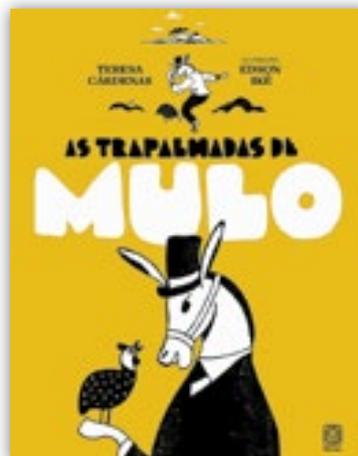


Teresa Cárdenas autografa a obra neste sábado na Casa Porto

Na busca da fama, a sabedoria como prêmio

Escritora cubana Teresa Cárdenas traz fábula sobre sonhos frustrados e autoconhecimento para o Brasil com 'Mulo', sua nova obra

Premiada autora infantojuvenil, a cubana Teresa Cárdenas está lançando no Brasil seu mais recente livro, "As Trapalhadas de Mulo" (Pallas Editora). Com ilustrações de Edson Ikê, a obra combina elementos da tradição



oral afro-cubana com reflexões contemporâneas sobre identidade, trabalho e realização pessoal.

É a história de um mulo que rejeita sua função tradicional de animal cargueiro e embarca numa série de aventuras em busca de talentos artísticos, reconhecimento e romance. Todas essas tentativas de se colocar fora de um lugar predeterminado pela sociedade resultam em fracassos que o levam a descobertas mais profundas sobre si mesmo e sobre o verdadeiro valor das coisas.

Teresa Cárdenas autografa a obra neste sábado (16), às 19h, na Casa Porto, no Largo São Francisco da Prainha, e participa de mesa redonda com mediação

das Pretinhas Leitoras, as irmãs Duda e Helena Ferreira.

Uma das principais vozes da literatura afrodescendente cubana, Teresa Cárdenas constrói uma narrativa que alia entretenimento e reflexão. A autora, que é também atriz e ativista, aborda questões sérias como discriminação racial, elitismo e os diferentes conceitos de sucesso.

"Quis fazer uma homenagem à cultura oral e ancestral do meu povo. É uma história que nasceu da oralidade afro-cubana, mas que agora se apresenta vestida de livro aos leitores jovens brasileiros", explica a escritora, que vê na obra uma forma de celebrar "os milhares de griôs que transmitiram e perpetuaram, com suas vozes e cantos, histórias que nunca deveriam ser esquecidas" (A.N.)

Lugar de estrela é no palco



Adaptação de obra de Maya Angelou marca retorno de Zezé Motta ao teatro após uma década

Aos 80 anos e celebrando seis décadas de carreira, Zezé Motta retorna ao teatro com “Vou Fazer de Mim um Mundo”, seu primeiro monólogo, que estreia nesta sexta-feira (15) no Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil. A montagem, que já registrou lotação esgotada em Brasília e Belo Horizonte, permanece em cartaz até 5 de outubro, marcando o retorno da artista aos palcos após dez anos de ausência. O espetáculo adapta para o teatro o livro “Eu Sei Porque o Pássaro Canta na Gaiola”, autobiografia da escritora norte-americana Maya Angelou publicada em 1969.

A obra, considerada um clássico da literatura, retrata a comunidade negra dos Estados Unidos durante a segregação racial dos anos 1930 e 1940. Maya Angelou, que foi a primeira mulher negra a atuar como roteirista e

diretora em Hollywood, conviveu com figuras como Malcolm X, James Baldwin e Martin Luther King Jr., tornando-se uma das personalidades mais reverenciadas do século XX.

A dramaturgia e direção têm a assinatura de Elissandro de Aquino, que desenvolveu uma montagem intimista centrada na valorização da palavra oral. “Partimos para um projeto bastante intimista, corajoso e potente. A ideia é cruzar duas realidades – a princípio tão distantes – e encontrar um elo entre as experiências humanas que nos atravessam como se não houvesse fronteiras”, explica o diretor.

Segundo o encenador, o projeto “se abre em camadas, alternando micro e macro, o que o torna interessante e, ao mesmo tempo, desafiador. Sabemos que ele toca feridas diferentes, pois ora apresenta congruências coletivas, ora invade a nossa casa e expõe as dores mais veladas”. O cenário, criado pelo artista plástico Claudio Partes, apresenta elementos simbólicos como uma plantação de algodão, nuvens e um livro de onde brotam as palavras recitadas pela atriz. A iluminação de Aurélio de Simoni constrói uma atmosfera que evoca memórias e afetos, enquanto o figurino de Margo Margot veste Zezé com uma paleta amarela que faz alusão a Oxum, seu orixá.

Outro destaque da montagem é sua tri-

lha sonora, sob direção musical de Pedro Leal David, que mescla o blues com a música popular brasileira, criando pontes entre as experiências de Maya Angelou e Zezé Motta. “É a confluência de dois rios: Maya Angelou e Zezé Motta. Com suas carreiras atravessadas pela música é natural que se buscasse, em antigas gravações, pistas para esse processo de criação”, afirma Pedro Leal David, destacando que as musicalidades de Maya e Zezé nos dão notícias distintas sobre como os ritmos, sons, tons da diáspora africana foram abrindo caminho ao longo do século XX, tanto nos Estados Unidos, como no Brasil. “Nossa proposta foi deixar esses rios se encontrarem, trazendo o blues pro violão de nylon, como quem levasse Baden Powell para um passeio nas margens do Mississipi, ou como quem imaginasse os Tinoços, numa manhã de domingo, com suas vozes e atabaques, num culto em uma igreja da Louisiana”, acrescenta o músico que, em cena, excuta com Mila Moura arranjos que transitam entre o blues e composições de Dorival Caymmi, Luiz Melodia, Luiz Gonzaga, Milton Nascimento, Johnny Alf, Dona Clementina e Seu Jorge.

Para Zezé Motta, o espetáculo representa uma exploração de território pouco habitual em sua trajetória artística. Conhecida por sua

personalidade solar, a atriz se aventura em um universo mais introspectivo e político. A montagem explora a capacidade da atriz de sentir profundamente cada palavra, que “quando ditas, estranhamente vão abrindo chagas ou cicatrizando feridas”.

A trajetória de Zezé inclui 14 discos gravados, mais de 100 personagens na televisão e no cinema, além de apresentações em palcos internacionais como o Carnegie Hall de Nova York e o Olympia de Paris. Cofundadora do Movimento Negro Unificado, a artista sempre utilizou sua visibilidade para denunciar casos de racismo e lutar por espaço e oportunidades para mulheres negras nas artes. Seu retorno aos palcos é um presente para o público.

SERVIÇO

VOU FAZER DE MIM UM MUNDO

Teatro I do CCBB (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro)

De 15/8 a 5/10, sextas e sábados (19h) e domingos (18h)*

Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

* Todas as sessões com acessibilidade em Libras e sessão de 27/9 com audiodescrição e bate-papo com a equipe após o espetáculo

Escultor argentino Leonardo Damonte transforma objetos cotidianos em arte reflexiva



Leonardo Damonte estreia na cidade com individual em que apresenta obras que questionam visões tecnológicas do passado

Por Affonso Nunes

Nostalgias futuristas

O escultor argentino Leonardo Damonte faz sua estreia no circuito expositivo carioca com “O Habitar da Luz”, individual que ocupa a Galeria Principal do Centro Cultural Municipal Parque Glória Maria (antigo Parque das Ruínas), em Santa Teresa, a partir deste sábado (16). A mostra reúne nove esculturas da série “Anomalias”, duas delas inéditas e criadas exclusivamente para esta exposição que integra a programação comemorativa dos dez anos da galeria paulista Aura.

Natural de Mercedes e residente em San Isidro, Damonte desenvolve um trabalho singular que parte do universo doméstico

para investigar questões formais da arte contemporânea. Formado pela Escuela de Arte de Luján e com pós-graduação em Escultura pela Universidad Nacional de las Artes de Buenos Aires, o artista manipula objetos banais como vassouras, tábuas de passar roupa, correntes e boias, transformando-os em esculturas que incorporam luzes fluorescentes. O resultado são composições si-

métricas fixadas na parede, marcadas por tonalidades intensas de amarelo, laranja e azul que conferem forte impacto visual às peças.

A estética resultante dialoga com uma visão futurista que o próprio artista classifica como nostálgica, apoiada numa concepção tecnológica sonhada e idealizada décadas atrás, mas que não corresponde exatamente ao

que vivemos hoje. Damonte consegue capturar essa dissonância temporal, provocando reflexões sobre como esse passado de ficção científica ainda influencia nosso olhar sobre o presente. Suas esculturas funcionam como arqueologia do futuro, revelando as camadas de expectativa e realidade que compõem nossa relação com a tecnologia.

Com participações em expo-

sições individuais nos Estados Unidos, Argentina e Espanha, incluindo mostras em Los Angeles, Buenos Aires e Barcelona, Damonte consolida-se como uma das vozes relevantes da escultura contemporânea latino-americana. Sua chegada ao Rio representa oportunidade de conhecer um trabalho que questiona tanto os limites entre arte e design quanto as narrativas sobre progresso tecnológico.

SERVIÇO

O HABITAR DA LUZ

Centro Cultural Municipal Parque Glória Maria (Rua Murinho Nobre, 169 - Santa Teresa)

De 16/8 a 14/9, de terça a domingo (9h às 18h)

Entrada franca